

# UMA ANÁLISE ACERCA DO *MUKASHI BANASHI KOBUTORI JIISAN*

Márcia Hitomi Namekata

RESUMO: O trabalho pretende-se a uma análise do *mukashi banashi* japonês *Kobutori Jiisan* (*O Velho com o Quisto*), segundo alguns aspectos míticos e fantásticos. Em relação ao primeiro, serão considerados os temas da iniciação, da morte e do renascimento, que lhe conferem um caráter universal; e, quanto ao segundo, discorrer-se-á sobre uma das atuações do *oni*<sup>1</sup> nos contos japoneses.

ABSTRACT: This work intends to do an analysis about the japanese *mukashi banashi Kobutori Jiisan* (*The old man with a wen*), under some mythic and fantastic aspects. About the first one, it will be considered the motifs of initiation, death and rebirth; and as for the second, it will be discussed about one of acting of the *oni*<sup>2</sup> in japanese tales.

PALAVRAS-CHAVE: *Mukashi banashi*; conto maravilhoso; mito; iniciação; *oni*.

KEYWORDS: *Mukashi banashi*; fairy tale; myth; initiation; *oni*.

## 1. *KOBUTORI JIISAN (UJI SHÛI MONOGATARI)*

Considerando-se os dias de hoje, esta é uma história muito antiga.

Havia um velho que possuía um grande quisto na face direita. Era quase tão grande quanto uma laranja. Por essa razão, não conseguia relacionar-se socialmente, e passava os dias a cortar

1. Ogro, demônio.
2. Ogre, demon.

lenha; certa vez, como de costume, dirigiu-se às montanhas. Aconteceu então que caiu uma forte tempestade, que o impediu de voltar para casa. Como não havia jeito, decidiu pernoitar nas montanhas. Além dele, não havia sequer outro lenhador; apavorado, não podia fazer nada. Assim, entrou em uma grande cavidade que havia em uma árvore e, sem cerrar as pálpebras, agachado, percebeu, ao longe, vozes de muitas pessoas conversando, de forma barulhenta; e tal ruído vinha se aproximando. Como estava sozinho nas montanhas, o fato de pessoas estarem por perto deixou-o um pouco aliviado; espiando então para o lado de fora, viu vários tipos de criaturas: umas de corpo vermelho vestidas de verde, outras de corpo preto usando uma tanga vermelha, outras ainda de um olho só, algumas sem boca; realmente, eram tantos tipos que seria difícil descrevê-los todos. Eram cerca de cem, que iam-se juntando e aglomerando. Acenderam o fogo, intensamente vermelho como o sol e, em frente à cavidade da árvore onde se encontrava o velho sentaram-se, formando um círculo ao redor do fogo. Ele sentia um medo indescritível, que ia aumentando cada vez mais.

Um demônio, que parecia ser o chefe, sentou-se no lugar de honra. À sua direita e à sua esquerda, os demônios, que eram inúmeros, puseram-se em duas filas duplas. Era difícil descrever tais criaturas. Divertiam-se tomando *sake*<sup>3</sup>, algo comum aos seres humanos. Repetidas vezes trocavam as taças de *sake*, e o chefe dos demônios era o mais bêbado. Um jovem demônio que estava no fim da fila levantou-se sozinho, colocou uma bandeja sobre a cabeça e, dizendo algo incompreensível, aproximou-se lentamente à frente do demônio que estava no lugar principal, pronunciando algo, tediosamente. O demônio-chefe, segurando a taça de *sake* com a mão esquerda, riu às gargalhadas, de maneira semelhante aos seres deste mundo. O jovem demônio, dançando, foi-se afastando. Os demônios, de trás para frente na fileira, foram fazendo o mesmo, sucessivamente. Havia os que dançavam mal, outros que o faziam bem. Espantado, o velho ouviu o demônio-chefe dizer: “A festa desta noite está sendo a mais animada de todas. No entanto, a partir de agora, eu gostaria de ver uma dança realmente extraordinária” Então, foi como se o velhinho tivesse sido tomado por um espírito, talvez um *kami*<sup>4</sup> ou um *hotoke*<sup>5</sup> “Vamos lá” teve ele vontade de sair correndo, querendo dançar, mas hesitou por um instante. No entanto, ao ouvir o ritmo convidativo dos demônios a bater palmas, decidiu: “Seja o que Deus quiser. Vou sair e dançar; caso morra, não tem importância” e saiu da cavidade da árvore, colocando o *eboshi*<sup>6</sup> com a aba abaixada até a altura do nariz e a machadinha de cortar árvores na cintura. Colocou-se então diante do demônio-chefe. O grupo de demônios assustou-se: “O que é isso?” O velho

3. Bebida alcoólica produzida através da fermentação do arroz.
4. “O termo *kami* aplica-se, primeiramente, às diversas divindades do céu e da terra, mencionadas nos antigos documentos, como também aos seus espíritos, *mitama*, que residem nos santuários onde são honrados. Mas não somente os seres humanos, também os animais selvagens, as aves, as plantas, o mar, as montanhas e todas as coisas capazes de incutir temor e respeito em razão do seu poder extraordinário e dominador, podem ser chamados *kami*. Seres maléficos ou perigosos têm, igualmente, o nome de *kami*. Entre os *kami* que ‘são seres humanos’ contam-se, por exemplo, os *mikado* sucessivos; entre os *kami* que ‘não são seres humanos’ mencionam-se o trovão; há, também, o dragão, o eco, a raposa, que são *kami* em razão de suas naturezas maléficas ou assustadoras. No *Nihongi* e no *Man'yōshū* dá-se o nome de *kami* ao tigre e ao lobo; há casos em que são os mares e as montanhas que se chamam *kami*; não se quer designar os seus espíritos; o nome aplica-se diretamente ao mar ou à montanha, porque são coisas terríveis. Não é necessário ser grande homem para ser *kami*; basta ter praticado ação sensacional, como aquele salteador, cujo túmulo, em Tóquio, forma um centro de devoção supersticiosa” (In: Tassilo Orpheu Spalding, *Dicionário de Mitologia*, pp. 173-174).
5. Divindades do Budismo.
6. Tipo de chapéu, feito antigamente de seda ou de papel. Trata-se de uma espécie de quepe, com uma aba na parte frontal, e adornado na parte que fica sobre a cabeça.

esticava-se e agachava, e dançava utilizando todo o seu pendor, contorcendo o corpo, gritando e circundando a arena. Vendo isso, o demônio-chefe e o grupo ficaram surpresos e divertiram-se.

O chefe disse: “Há muito tempo temos feito este evento, mas nunca vi algo como isso. A partir de hoje, velho, venha sem falta”. O velho respondeu: “Não se preocupe em mandar chamar-me, eu virei. Desta vez, foi algo repentino; até acabei esquecendo-me do desfecho da dança. Dessa forma, se for de seu gosto, da próxima vez poderei mostrar minha dança mais calmamente”, ao que o chefe falou: “Muito bem. Você está intimado a vir”. De repente, um demônio que estava em terceiro lugar na fila, de trás para frente, disse: “Este velho está dizendo que vem, mas penso que pode acontecer de não vir. Que tal pegarmos algo dele como garantia?” “Você tem razão, você tem razão”, falou o chefe. “O que será melhor tirarmos?”, os demônios começaram a discutir, até que o chefe perguntou: “Não seria bom tirarmos aquele quisto da face do velho? O quisto é algo que dá sorte; ele deve considerar isso como um bem muito precioso”. O velho disse: “Podem tirar meu olho, meu nariz mas, perdoem-me, este quisto não. Eu convivo com ele há muito tempo; tirá-lo de mim seria algo sem sentido”, ao que o chefe decidiu: “Já que ele é tão apegado a isso, tire-o”. Os demônios aproximaram-se: “Então, vamos tirá-lo” torceram e puxaram-no, sem causar dor alguma. “Agora, ele virá com certeza”, e finalmente amanheceu; como os pássaros começaram a cantar, os demônios foram embora. O velho, experimentando tatear o rosto, percebeu que não havia nenhum sinal do quisto; ele havia desaparecido sem deixar marcas. Esquecendo-se então de cortar árvores, voltou para casa. A mulher perguntou: “O que é isso? O que foi que aconteceu?”, e ele lhe contou toda a absurda história. “Que coisa estranha”, concluiu a velha.

O velho do vizinho possuía um grande quisto na face esquerda e, quando viu que o outro estava sem o quisto, perguntou: “Como foi que o quisto desapareceu? Onde fica o médico que o tirou? Explique para mim, por favor. Vou tirá-lo também” ao que o outro respondeu: “Não foi um médico que fez isso. Aconteceu isso e isso, quem o tirou foram os demônios”; então, disse o vizinho: “Vou fazer o mesmo para tirá-lo”, e perguntou pelos procedimentos em detalhes, sendo orientado pelo outro velho. Assim, informado, entrou na cavidade da árvore e ficou a esperar e, do mesmo modo da conversa que ouvira, os demônios apareceram. “Ah, será que o velho vem?” perguntaram, ao que o velho, assustadíssimo, saiu com o corpo tremendo. As criaturas disseram: “Aqui está o velho”. O demônio-chefe falou: “Você veio, dance logo” e, ao contrário do velho anterior, dançava muito mal. Então, o chefe disse: “Você está dançando mal. De todo o jeito, você é muito ruim” e, virando-se para os demais: “Vamos devolver a ele o precioso quisto que havíamos arrancado” e, do final da fila, veio um demônio, dizendo: “Vou devolver-lhe o precioso quisto”, e arremessou-o do outro lado do rosto; assim, o velho acabou ficando com dois quistos, um de cada lado. Por isso, não se deve invejar a felicidade alheia.

O *mukashi banashi* apresentado consiste na versão original de uma narrativa compilada no Período Kamakura (1185-1333), na coletânea de narrativas *setsuwa*<sup>7</sup> *Uji Shûi Monogatari*, cuja organização, presume-se, data da primeira metade do século XIII. Esta história veio sendo transmitida no decorrer das eras e, nos dias atuais, apresenta-se sob a forma de conto infantil.

Apesar da distância no tempo, o conto<sup>8</sup> não sofreu mudanças significativas em seu enredo. Atualmente, é considerado um *mukashi banashi*, expressão que, em primeira

7. Narrativas breves, compiladas em uma coletânea e tidas como reais, ou supostamente reais.

8. Aqui, o termo “conto” será utilizado como sinônimo de “narrativa”, “história”, “*mukashi banashi*”, não na sua concepção teórica ocidental, que o caracteriza como gênero literário de narrativas curtas, com começo, meio e fim, “fechadas sobre si mesmas” (*short stories*).

instância, poderia ser traduzida por “narrativa antiga” Refere-se às narrativas transmitidas oralmente entre o povo; portanto, carrega consigo um significado mais complexo, na medida em que comporta uma concepção espaço-temporal, ou seja, a transmissão de uma geração para outra, a época vivida por cada uma destas gerações (o que acarreta no surgimento de versões adaptadas aos seus fatores sócio-culturais), bem como as localidades em que surgem as variantes (fator que irá conferir às narrativas uma característica de “retrato local”, com destaque de aspectos geográficos e sociais). Além disso, a terminologia *mukashi banashi*, por apresentar um caráter amplo, pode ser dividida em categorias que, resumidamente, apresentam-se da seguinte maneira:

*shinwa*: incluem as narrativas que tratam das origens do povo japonês. Em nível de Ocidente, poderíamos relacioná-la aos mitos;

*densetsu*: equivaleriam às lendas;

*setsuwa*;

*minwa*: compreendem as narrativas folclóricas;

*mukashi banashi* propriamente ditos, que podem relacionar-se aos contos maravilhosos ocidentais, na medida em que, de acordo com Jolles (1976), preferem trabalhar constantemente no plano do maravilhoso, ao invés de representar um acontecimento de modo a dar-nos impressão de um acontecimento real. Segundo Yanagita Kunio, grande estudioso da etnografia japonesa, os *mukashi banashi* estariam subdivididos em: 1) *dôbutsu mukashi banashi* (literalmente, “*mukashi banashi* sobre animais”); 2) *honkaku mukashi banashi* (*mukashi banashi* regulares) e 3) *warai banashi* (narrativas cômicas). Tal subdivisão segue o inventário nacional de tipos proposto pelo pesquisador finlandês Antti Aarne que, em 1910, publicou a primeira classificação de tipos de contos.

Embora seja, originalmente, uma narrativa *setsuwa*, *Kobutori Jiisan* pode ser tida como um *mukashi banashi* pelo fato de trazer em seu enredo aspectos de caráter maravilhoso. Entre os *dôbutsu mukashi banashi*, há muitas histórias que tratam da transformação de um ser em espírito; e, neste gênero existe, especificamente, a chamada subdivisão *oni mukashi*, que já surge no Período Nara (710-784), por exemplo, nos chamados *kiki setsuwa*, que compreendem episódios do *Kojiki* (*Relatos de Fatos Antigos*, datado de 712) e do *Nihonshoki* (*Crônicas do Japão*, de 720).

De uma forma geral, no conto maravilhoso tem-se os aspectos básicos do pensamento mítico: o amadurecimento do indivíduo, a luta contra as forças demoníacas (ou seja, a luta entre o Bem e o Mal), e a renovação da vida; trata-se de uma forma muito próxima à do conto de fadas que, segundo Paz (1989),

É uma alegoria da passagem iniciática na qual o herói representa a alma perdida no mundo a lutar contra os poderes inferiores de sua própria natureza e contra os enigmas que a vida lhe propõe, até encontrar, após aceitar e realizar as provas, os meios para a sua própria redenção. (p. 18)

Assim, tanto o mito como o conto de fadas lidam com o elemento simbólico, através do qual será mostrada a trajetória evolutiva de um herói que, partindo de uma situação adversa, acaba por conseguir alcançar um plano mais alto de existência.

Em *Kobutori Jiisan*, logo no início já é apresentado um obstáculo na vida da personagem do título: um quisto de grande proporção, na face direita, que lhe conferia uma aparência desagradável frente à sociedade. Apesar disso, ao invés de procurar um modo de livrar-se do mesmo, ele prefere isolar-se nas montanhas, trabalhando como lenhador. Eis que, certo dia, uma tempestade apanha-o de surpresa, impedindo-o de voltar para casa. E, com o intuito de abrigar-se da chuva, o velho entra na cavidade de uma árvore.

Podemos reconhecer aqui alguns aspectos ligados à questão do mito:

a entrada da personagem em uma árvore, elemento que simboliza tanto a vida em perpétua evolução e ascensão para o céu<sup>9</sup>, como o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração;

o velho, lenhador, dedica-se a um ofício que está diretamente relacionado às árvores; o simbolismo da caverna (no caso, a cavidade na árvore) remete ao arquétipo do útero materno, aparecendo nos mitos de origem, de renascimento e de iniciação de inúmeros povos. Figura-se aqui o *regressus ad uterum*<sup>10</sup> definido por Eliade (s.d.).

Entretanto, a caverna também possui um simbolismo trágico: seria ela uma região subterrânea, um abismo sombrio onde habitam e de onde surgem os monstros; assim, representa o inconsciente e seus perigos, muitas vezes inesperados. Com a passagem do velho pela caverna, sugere-se que ocorrerá uma transformação em sua vida; essa transformação vem a ocorrer no período noturno, em meio à escuridão, que também poderia representar as obscuridades do indistinto primordial;

o próprio bosque já apresenta uma ligação com tal idéia, visto que nos contos de fadas, tradicionalmente, o bosque, pelo fato de estar freqüentemente povoado por espíritos destruidores e malévolos, também representa a descida ao inconsciente primordial, onde a alma terá de enfrentar as provas que a levarão à redenção.

Transportando esses elementos simbólicos para o enredo, temos que o velho, ao entrar na cavidade (caverna) situada no interior da árvore, passa por uma “morte simbólica”, retorna ao indistinto primordial; no entanto, essa “morte” consiste em uma etapa necessária para que o indivíduo alcance um nível de existência superior: retornando ao “útero materno”, ele passará pelo processo de um novo nascimento, que será descrito mais à frente.

Passemos, agora, à figura dos *oni*. Pelo próprio significado do termo, podemos relacioná-la ao Mal, a uma idéia destrutiva. Entretanto, nas narrativas japonesas, a questão do Mal é abordada de maneira distinta do Ocidente, cujos contos sempre destacam, em seu desfecho, sua extirpação, o assassinato do vilão, para que a ordem inicial seja restabelecida, e para que o triunfo do herói seja sentido de forma mais nítida. Segundo

9. Como suas raízes fixam-se ao solo e seus galhos elevam-se para o céu, a árvore também representa as relações que se estabelecem entre o céu e a terra.
10. “Penetrar no ventre do monstro – ou ser simbolicamente ‘enterrado’, ou ser fechado na cabana iniciática – equivale a uma regressão ao indistinto primordial, à Noite Cósmica. Sair do ventre, ou da cabana tenebrosa, ou da ‘tumba’ iniciática, equivale a uma cosmogonia. A morte iniciática reitera o retorno exemplar ao Caos, para tornar possível a repetição da cosmogonia, quer dizer: preparar o novo nascimento” (p. 152).

Kawai (1988), em muitos contos japoneses a figura representativa do Mal acaba por fugir, ao invés de ser morta. Isso encontra correspondência em muitos festivais japoneses, que apresentam o ritual de se exorcizar o *oni*: no caso, a preferência por afugentar, ao invés de matar, baseia-se na idéia de que é melhor podermos escapar ao Mal do demônio, uma vez que não podemos erradicá-lo; podemos escapar enquanto prosseguimos com nossos esforços, mas o Mal, enquanto entidade, nunca será abolido. Outra característica dos contos japoneses é a coexistência pacífica, muitas vezes observada, entre os *oni* e os seres humanos. Como exemplo, temos a morte de Yama-uba, que aparece nos contos japoneses como a bruxa das montanhas que tudo devora. Temendo a maldição que possa imprecisar após a sua morte, as pessoas, muitas vezes, constroem templos a ela dedicados, que se tornam santuários ligados ao nascimento. Neste caso, a figura de Yama-uba, depois de morta, torna-se positiva.

No caso dos *oni* de *Kobutori Jiisan*, estes também são revestidos de uma carga positiva, uma vez que trazem um benefício ao velho, extirpando o quisto que o incomodava. Entretanto, este ato também resulta de outros aspectos. Tais *oni* são espécies de *bakemono* (literalmente, “fantasmas”), embora sejam chamados de *oni*; na China, os *ki* (o termo é grafado com o mesmo ideograma de *oni*) são tidos como espíritos dos mortos. Em diversas obras que surgiram desde o Período Nara, estes “espíritos dos mortos” – também chamados de *oni* –, em muitos momentos surgem de uma árvore. Portanto, ela seria o veículo de comunicação entre o *jigoku*<sup>11</sup> e a terra ou, ainda, a morada dos *oni* (ou *tengu*)<sup>12</sup> que, por sua vez, poderiam ser reconhecidos como divindades das árvores. Neste caso, ainda, a cavidade na árvore também poderia representar um túmulo. Segundo o *Shugendô*<sup>13</sup>, os espíritos das pessoas que vinham a morrer permaneciam no “outro mundo” (que, muitas vezes, é representado pela montanha); estes espíritos, chamados de *yamagami*, eram responsáveis por cuidar e repreender os seus descendentes, fato que apresenta relação direta com a questão da dívida e do castigo. Este motivo parece estar presente em *Kobutori*, no que concerne à polaridade de caráter entre os dois velhos – o velho do qual estamos tratando e o seu vizinho –, sendo que este último acaba por ser castigado ao final devido ao fato de ter invejado a felicidade do primeiro.

Os *oni* realizam uma festa diante da árvore onde se abrigava o velho. Tal festividade assemelha-se muito ao *ennen* que, segundo Gorai (1991), consiste em um evento realizado por ermitãos em celebração à longevidade, e caracteriza-se como um torneio de competição de habilidades, onde dança-se e realiza-se o *sakamori*<sup>14</sup>. Tal festividade relaciona-se ao aprendizado do caminho celeste e, portanto, aos dez estágios pelos quais o ermitão deve passar para que possa atingir um estado ideal de existência: *jigoku*,

11. Local para onde iam os mortos que, em vida, haviam praticado más ações e, como castigo, recebiam tarefas árduas. Poderia ser traduzido como “inferno”
12. Criaturas fantásticas que vivem nas montanhas. De modo geral, apresentam-se com o rosto vermelho, possuem um grande nariz e um par de asas nas costas. Têm a capacidade de voar livremente pelos céus.
13. Ensino budista que professava o retiro nas montanhas, em busca do aperfeiçoamento espiritual.
14. Ato de festejo em que se bebe *sake* e os convivas trocam as taças de bebida. Normalmente, é realizado nos festejos de Ano Novo, casamentos, entre outros.

*gaki*<sup>15</sup>, *chikushô*<sup>16</sup>, *shura*<sup>17</sup> *ningen*<sup>18</sup>, *tennin*<sup>19</sup>, *shômon*<sup>20</sup>, *engaku*<sup>21</sup>, *bosatsu* e *hotoke*<sup>22</sup>. Para tanto, a dança consiste em um elemento imprescindível. Nos *ennen*, o ermitão é avaliado pelos *oni* (ou, em alguns contos, pelos *tengu*) que, no caso, transmutam-se em divindades das montanhas. O ermitão faz oferendas aos *oni* (ou *tengu*) e, como resultado, parece unificar-se a eles. Ocorre-lhe, então, uma “transformação em divindade” (*zoku-shinjôbutsu*). Portanto, em função da dança e do *sakamori* realizados pelos *oni*, que colocam o aprendizado do ermitão à prova, o conto *Kobutori* é classificado na categoria “*oni mukashi*”

Pois bem, o velho do conto, em seu ofício de lidar com as árvores, já apresenta, de certo modo, uma ligação com os *oni*. E tal relação intensifica-se a partir do momento em que ele se utiliza da árvore para abrigar-se da tempestade; ou seja, com isso, ele parece colocar-se em uma situação de dívida para com os *oni*. Durante a festa realizada pelas criaturas, que lembra muito os *ennen*, o velho executa sua dança sob a observação das mesmas, como se estivesse sendo avaliado. E, sendo que sua apresentação é muito apreciada pelos *oni*, nota-se uma integração entre eles e o velho: é como se a dança se configurasse em uma oferenda às divindades, aqui representadas por esses *oni*. É exatamente depois de o velho enfrentar a escuridão do bosque, e passar pelo interior da árvore e de sua cavidade (elementos que, anteriormente, foram relacionados à descida ao indistinto primordial, onde a personagem deverá passar pela morte iniciática), que o processo de passagem a um estágio superior de existência – o novo nascimento – irá completar-se. É dito que o velho, escondido na cavidade da árvore, no momento em que ouve o demônio-chefe dizer que gostaria de ver uma dança diferente, é tomado por um espírito, “talvez um *kami* ou um *hotoke*”. E ele, acabando por esquecer-se do medo que sentia, decide apresentar a sua dança, fazendo uso de um chapéu. Este detalhe também poderia ser considerado parte do processo visto que, segundo Chevalier e Gheerbrant<sup>23</sup> (1991), o uso do chapéu: “Podia significar o fim da função dos cabelos como instrumento receptor da influência celeste e que, assim sendo, houvesse sido atingido o objetivo último da busca iniciática”. E o episódio culmina com a retirada do quisto de seu rosto. Apesar de não ficar evidente ao longo do conto, imagina-se que isso realmente incomodava o velho, pois dava preferência a executar um ofício que o mantivesse afastado da convivência social; assim, ter o quisto removido configura-se-lhe como a conquista de algo que almejava; espiritualmente, ele parece atingir um patamar superior de existência: a já referida “transformação em divindade” que, no conto

15. Estágio em que o morto, por ter praticado más ações em vida, era condenado a entrar no *gakidô*, onde padeceria de fome e sede.
16. Estágio animalesco.
17. Estágio ligado às guerras e aos conflitos.
18. Estágio humano.
19. Estágio intermediário entre o divino e o humano.
20. Estágio em que se pregava e praticava os preceitos de Buda.
21. Estágio mais aprimorado.
22. Estágio de divindade.
23. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. *Dicionário de Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Rio de Janeiro, José Olympio, 5ª ed., 1991.

em questão, não é considerada de maneira literal mas, sim, através da felicidade alcançada pelo velho em ver-se livre do quisto.

E quanto ao velho vizinho que, na tentativa de obter o mesmo sucesso que seu colega, acaba sendo castigado? Talvez seja difícil encontrar a resposta para o fato a partir de aspectos míticos, uma vez que nada é explicado acerca da vida que levava esse velho. A sua função, no enredo do conto, parece mais ser a de um contraponto ao caráter do primeiro velho, a de funcionar como ponto de apoio a uma lição de moral: o castigo que lhe é infligido por ter invejado a felicidade do próximo, elemento que não deixa de ser uma das funções do gênero *mukashi banashi* e de seus similares no Ocidente.

### *Bibliografia Consultada*

- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- GORAI, Shigeru. *Oni Mukashi – Mukashi banashi no sekai (O Antigo Ogro – o Mundo dos Mukashi Banashi)*. Tokyo, Kadokawa Shoten, 1991.
- JOLLES, André. *Formas Simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1976.
- KAWAI, Hayao. *Mukashi banashi to nihonjin no kokoro (Os Mukashi Banashi e o Sentimento do Japonês)*. Tokyo, Iwanami Shoten, 1988.
- KOBAYASHI, Chiaki. *Uji Shûi Monogatari*, vol. 1. Tokyo, Shogakkan, 1989.
- PAZ, Noemí. *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1989.

Endereço para correspondência:  
Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus de Assis)  
Departamento de Letras Modernas  
Área de Língua e Literatura Japonesa  
Av. Dom Antônio, 2100  
19800-000 – Assis – SP